

O ocaso do Império Romano, relacionado com o aparecimento de povos chegados do leste a assim chamada migração dos povos é um fenômeno histórico que sempre precisa ser considerado pelo pesquisador, pois o presente ainda contém muitas repercussões daqueles eventos comoventes.

Mas uma contemplação histórica exterior não pode chegar a uma compreensão desses fatos. E necessário estudar as almas dos indivíduos que participaram da "migração dos povos" e do ocaso do Império Romano.

As civilizações grega e romana floresceram na época em que a humanidade desenvolvia a alma da razão ou da índole; os gregos e romanos eram os verdadeiros portadores desse desenvolvimento. Mas a evolução dessa forma anímica nesses dois povos não continha o gérmen que pudesse dar, de forma correta, origem à alma da consciência a partir dela mesma. O conteúdo espiritual e anímico da alma da razão ou da índole manifesta-se na riqueza da cultura grega e romana; mas não pode, baseado em sua força própria, fluir para a formação da alma da consciência.

Não obstante, a fase da alma da consciência surge naturalmente. Mas parece que a alma da consciência não nasce da personalidade do homem grego ou romano; porém como algo que lhe é implantado de fora.

A ligação com os seres divino espirituais e a separação deles, tantas vezes mencionadas nestas considerações, realizaram-se no decorrer dos tempos com intensidade variável. Em épocas antigas, era uma força que atuava vigorosamente na evolução da humanidade. Na experiência dos gregos e romanos, durante os primeiros séculos cristãos, a força atuante era menor; mas existia. Enquanto desenvolviam plenamente a alma da razão ou da índole, os gregos e os romanos sentiam de forma inconsciente mas significativa para a alma que estavam se desprendendo da essencialidade divino espiritual e que o elemento humano estava se tornando autônomo. Esse processo terminou nos primeiros séculos cristãos. As primeiras manifestações surdas da alma da consciência eram sentidas como um relacionamento com o divino espiritual. A evolução levou de uma maior autonomia da alma para uma autonomia menor. O conteúdo do cristianismo não podia ser acolhido pela alma da consciência porque esta não podia ser recebida pela entidade humana.

Por esse motivo, o conteúdo cristão era sentido como algo recebido do mundo espiritual exterior, mas não como algo com o qual se pudesse unir-se pelas forças cognitivas.

A situação era diferente nos povos vindos do nordeste que estavam fazendo sua entrada na história. Eles tinham atravessado a época da alma da razão ou da índole num estado que sentiam como dependência dos mundos espirituais. Só começaram a sentir algo da autonomia humana quando as primeiras forças da alma da consciência vieram a manifestar-se nos primórdios do cristianismo. Eles sentiam a alma da consciência como algo ligado à entidade humana; quando ela refulgia neles, eles sentiam em si o alegre desabrochar de uma energia interior.

O conteúdo do cristianismo veio juntar-se, nesses povos, ao alvorecer da alma da consciência. Sentiam esse conteúdo como algo que lhes brotava na alma, e não como algo recebido de fora.

Foi nesse estado de espírito que esses povos entraram em contato com o Império Romano e tudo o que a ele se relacionava; era a mentalidade do arianismo, em oposição ao atanasianismo, divergência da qual resultou um profundo contraste interior na evolução da história universal.

O que atuava na alma da consciência dos gregos e romanos, exterior ao homem, era a essência divino espiritual que não conseguiu unir-se totalmente com a vida terrena para a qual ela apenas irradiava de fora. O elemento divino espiritual que conseguiu unir-se com a humanidade atuava de maneira ainda fraca na alma da consciência dos francos, germanos, etc. e ali germinava apenas muito de leve.

O passo seguinte foi que o conteúdo cristão que vivia na alma da consciência pairando acima do homem, passou a espalhar-se na vida; aquele elemento que se tinha unido com a alma, permaneceu no interior do homem como anseio ou impulso na expectativa de um desabrochar, que só podia acontecer quando a alma da consciência tinha atingido uma determinada fase do seu desenvolvimento.

Durante o período entre os primeiros séculos cristãos e o desabrochar da alma da consciência,

vemos pairar acima da humanidade, como vida espiritual relevante, um conteúdo espiritual com o qual o homem não consegue ligar se pelo conhecimento. Liga se então de uma maneira exterior; procura "explicá lo" e reflete sobre a incapacidade das forças anímicas de estabelecer uma ligação por meio do conhecimento. Distingue uma região que o conhecimento alcança, de outra onde não consegue chegar. E passa a renunciar à perspectiva de usar forças anímicas que fossem capazes de elevar se, pelo conhecimento, ao mundo espiritual. Chega então a época, na virada dos séculos XVII e XVIII, na qual as forças cognitivas dirigidas ao espiritual passaram a abandonar a idéia de conhecê lo. Os homens começam então a dirigir suas forças anímicas apenas àquilo que pode ser percebido pelos sentidos.

Foi principalmente no século XVIII que as forças cognitivas se tornam impróprias para captar o espiritual.

Os pensadores perdem então, em suas idéias, o conteúdo espiritual. Afirmam, no idealismo da primeira metade do século XIX, que as idéias em que não havia espírito presente são o conteúdo criador do mundo. É a maneira de pensar de Fichte, Schelling, Hegel, ou apontam para algo supra sensível que perde toda consistência, por carecer de conteúdo espiritual; assim fazem Spencer, John Stuart Mill, etc. As idéias são mortas quando não procuram o espírito vivo.

A visão do espiritual perde se, pois irremediavelmente.

Não é possível "continuar" com a antiga maneira de se conhecer o espiritual. As forças anímicas, nas quais se desenvolve a alma da consciência, têm de almejar uma nova união, elementar e imediata, com o mundo espiritual. A Antroposofia pretende constituir essa busca.

Na vida espiritual da nossa época, as pessoas líderes são justamente aquelas que não compreendem o que a Antroposofia almeja. Isso mantém afastados dela, também amplos círculos que seguem a esses líderes. Estes perderam o hábito de usar suas forças espirituais. É como se pedíssemos a um indivíduo de usar um órgão que ficou paralisado. Pois as capacidades cognitivas superiores ficaram paralisadas do século XVI até a segunda metade do século XIX. A humanidade não teve consciência disso, pois considerava o uso unilateral das forças cognitivas dirigidas exclusivamente ao mundo sensorial, como um grande progresso.

Goetheanum, março de 1925.